

LIMPEZA E ORDEM NA PAGINAÇÃO DO TEMPO

Muros urbanos, arte e paisagem em Salvador.

A especulação imobiliária, que torna as malhas urbanas expandidas e descontínuas, e a cultura do medo são alguns dos fatores responsáveis pela presença cada vez mais marcante dos muros na paisagem urbana brasileira contemporânea. Em virtude da sua condição de grande visibilidade no espaço público, os muros tomam-se elementos importantes na veiculação de mensagens artísticas, culturais, políticas e publicitárias no contexto urbano. O potencial comunicativo e estético que apresentam, em sua interface com o espaço público, muitas vezes se contrapõe aos direitos atribuídos à propriedade privada. Ações e programas institucionais são propostos para intervenções artísticas nos muros em grandes cidades brasileiras, trazendo interferências na paisagem urbana. É sobre essa questão – muros urbanos, arte, espaço público e percepção da paisagem urbana – que nos deteremos neste artigo, privilegiando a cidade de Salvador como estudo de caso.

Introdução

Os muros, nas cidades, possuem, ao longo do tempo, a função de separar espaços, definir determinados limites entre o público e o privado, entre uns e outros, entre o que pode ser visto e o que se pretende ocultar. Objetivando a proteção da propriedade, definem caminhos, escondem quintais, guardam segredos, restringem o olhar, erguendo barreiras entre dois espaços contíguos na cidade: o da casa e o da rua.

Usando essa definição mais circunscrita, de caráter mais funcional, evitamos, assim, integrar na categoria de muros urbanos outros elementos da paisagem citadina, como as fachadas, edificações, viadutos, mobiliário urbano, elementos mais valorizados na linguagem arquitetônica.¹ Assim, falar dos muros da cidade, para nós, implica colocar as lentes sobre um espaço sem tessitura maior de significados, um espaço amorfo e disforme, que cresce a cada dia em número e em dimensões nas cidades brasileiras, alimentados pela cultura do medo e pela segregação social, como alternativas de cimento e tijolo aos buracos resultantes do esgarçamento de nossa tessitura social.

Focar o interesse nessa categoria de elementos construídos é buscar riqueza e interesse nos interstícios da cidade, nos espaços (nesse caso, em superfícies) residuais, que se situam fora de um circuito mais elaborado e sofisticado de representações simbólicas. Muito embora, em geral, façam parte do sistema restritivo de acesso aos espaços da cidade, e possuam significados claros no sentido da propriedade, é nesse espaço, pouco apropriado pela estética arquitetônica e que se opõe ao espaço público cada vez menor e circunscrito, que encontramos também matéria e substância para a discussão sobre a paisagem urbana e sobre arte e espaço público na cidade brasileira contemporânea, como um dos símbolos apropriados do contexto urbano atual, suas falas e contradições.

Iniciativas oficiais no sentido de ordená-los visualmente são comuns em várias cidades brasileiras, buscando-se direcionar as intervenções artísticas que neles ocorrem no sistema informativo ou estético de fácil decodificação, ou incluí-las em uma estrutura de poder mais amplo, na qual possam ser apropriadas a partir de

interesses diversos. A arte urbana contempla uma série de ações, interferências efêmeras ou permanentes nos espaços públicos e envolve campos diversos de expressão, como artes cênicas, artes plásticas, arquitetura, cinema, entre outros. Aqui nos deteremos nas pinturas realizadas nos muros das cidades, que é o foco de trabalho do *Programa Grafita Salvador*, cujos resultados já se fazem sentir na paisagem urbana dessa cidade.

Não se pretende discutir que interferências urbanas são mais artísticas que outras, se o grafite é pichação ou arte, ou aprofundar questões específicas à crítica de arte. A análise que aqui desenvolvemos tem como foco os muros e sua importância na paisagem urbana atual, seja como signos do urbano ou suportes da obra de arte, e possui referências nos campos disciplinares da arte, da estética urbana e da paisagem, através de um elo com o espaço público, em sua complexidade de contexto físico e social.

Os muros como elementos do contexto arquitetônico dos espaços públicos e da estética urbana

O tratamento dispensado aos muros e fachadas nos espaços públicos em Salvador tem sido abordado pela legislação urbanística de acordo com a importância atribuída à estética urbana e ao espaço público no pensamento urbanístico.

O Código de Posturas de 1920 (Acto nº.127) já estabelecia que todos os terrenos, no perímetro urbano de Salvador, fossem murados ou gradeados, exceto em alguns distritos. Nas ruas calçadas era proibido que o cercamento dos terrenos fosse feito em madeira ou arame. Os muros, cuja altura seria determinada considerando a largura da rua, deveriam ser emboçados, rebocados e pintados.

Até as primeiras décadas do século passado, boa parte das ruas possuía o seu espaço definido pelas edificações que as margeavam. Sobre os muros e fachadas das edificações situadas no alinhamento das ruas recaíam a maioria das normas estéticas relacionadas à construção estética do espaço público. Com relação aos muros, definia-se a sua altura e, em alguns casos, recomendavam-se, em seu lugar, os gradis, que permitiam uma maior integração visual entre as edificações e a rua. A legislação urbanística de Salvador, até a década de 50, exigia que as pinturas decorativas em muros tivessem seus desenhos previamente aprovados por órgãos competentes.

A partir da década de 60, em uma visão funcionalista do espaço, os Códigos de Urbanismo e Obras passam a tratar como âmbitos distintos as vias e os espaços habitacionais e (ou) privados. Nessa visão fragmentada, a estética urbana passa a ser um território esvaziado de propostas, e o controle, em termos formais, trata apenas da altura dos muros, situação que permanece até hoje, apesar da importância dos muros para a estética, a percepção e a fruição das vias urbanas.

Sabe-se que os muros são percebidos de diferentes formas, a depender das características da via, da largura das calçadas, do tráfego e dos usos que nela se desenvolvem, além da forma de circulação adotada, a pé, em veículo ou ônibus, para citar alguns dos fatores que interferem na percepção do espaço. Particularmente em ruas com calçadas estreitas, os muros altos estreitam o espaço visual do pedestre, potencializam os efeitos de poluição sonora e atmosférica na rua, e acen-

tuam a percepção desse espaço como um corredor de circulação. Como paredes que conformam o espaço público, texturas e cores são ressaltadas na proximidade física do usuário que percorre as ruas da cidade a pé. Para o usuário motorizado, é mais fácil apreender os muros urbanos como contexto informativo e de comunicação de diversas mensagens.

Os muros como suporte da comunicação, como signos informativos do contexto urbano

Em virtude do caráter comunicativo e de circulação do espaço público, os muros, particularmente em vias de grande fluxo, tornam-se mídias acessíveis para mensagens políticas, culturais, publicitárias, etc. Várias camadas de tinta, formas e cores se misturam e se superpõem, quase ininterruptamente, conferindo densidades e texturas a essas superfícies que refletem a complexidade do ambiente urbano e a dinâmica social.

Algumas interferências nos muros da cidade, por questões de autoria e (ou) alguma regularidade em sua ocorrência, tornaram-se conhecidas na cidade. É o caso de alguns grafites que se fizeram presentes na paisagem urbana de Salvador a partir da década de 70. Alguns grafiteiros assinavam com pseudônimos como Madame Min, Mancha e Faustino, esse último o mais famoso, pois, com humor, personificava o cidadão de classe média, seus gostos e aspirações. Os muros foram também, nesse período, importante mídia para o movimento estudantil, na defesa dos interesses democráticos, a exemplo do grupo Baldeação, composto por estudantes universitários oriundos do movimento estudantil, que pintava painéis artísticos figurativos, próximos a locais de grande visibilidade como pontos de ônibus e esquinas.

Como um suporte de mensagens que permite uma superposição de linguagens e materiais, o muro pode adquirir ele próprio um caráter estético, gerando significados que ultrapassam a esfera da funcionalidade ou da informação objetiva, para habitar o reino do sensível, como um dos elementos artísticos da cidade: não apenas em seu caráter comunicativo, mas em sua materialidade física. Ou seja, um determinado olhar sobre a cidade pode ver, na superposição de cores, mensagens e texturas que caracterizam os muros urbanos em vários locais, uma beleza que nos reporta à cidade com sua densidade histórica e temporal, sua condição democrática e plural (Foto 01).



Foto 01 – Fragmentos de muros na cidade.

Esse tipo de percepção estética só é possível a partir do entendimento da cidade como uma construção social, um universo de técnicas e de atores distintos e como uma obra aberta, na qual o usuário é, ao mesmo tempo o fruidor da obra e cons-

trutor de significados, que decorrem, por um lado, da experiência mesmo da cidade, e, por outro, de fatores como repertório cultural e história de vida.

Um outro tipo de percepção estética sobre a cidade entende esse texto múltiplo e plural que se apresenta nos muros urbanos e a sua impossibilidade de uma leitura única como poluição visual e (ou) transgressão de uma ordem estabelecida, ambos efeitos considerados em oposição a uma cidade ordenada e limpa.

A utilização dos muros como suportes da comunicação, artística ou não, seria rechaçada por resultar de ações que atentam contra a propriedade privada, entendendo o muro apenas como parte do cenário do espaço público e não como um suporte eventual de ações que integram e fazem parte da sua construção social.

No sentido de estimular a arte nos espaços públicos, ou talvez intermediar conflitos, o poder público, não raro, torna-se incentivador de obras artísticas como pinturas, mosaicos, *grafites* e outras técnicas em murais.

Muros como suporte de obras de arte com apoio oficial no espaço público

A pintura em murais remonta aos tempos mais remotos da arte, mas é no contexto do muralismo mexicano, nas primeiras décadas do século passado, que esse tipo de obra ganha os espaços públicos, como uma inspiração dos artistas por um terreno mais amplo e democrático para a arte, seduzindo outros artistas na América Latina. Mas há uma grande diferença entre o muralismo mexicano e o brasileiro: este último não chegou a se constituir num movimento ativista, nem surgiu da necessidade de os artistas abandonarem o atelier e saírem às ruas com o objetivo de contribuir para a revolução, como aconteceu no México a partir de 1910 (PEDROSA, 1981, 15).

Em Salvador, na década de 50, o muralismo coincide com a afirmação da primeira geração de artistas e arquitetos adeptos do Movimento Moderno e, pela sua expressão, porte e presença em locais freqüentados pela população, aproximava a arte de um público maior e ensejava a idéia da inserção social da arte, significando um grande avanço em relação ao universo restrito onde ela era mostrada em Salvador.

Os murais em Salvador são expressivos em número e instalados principalmente em *halls* de entrada de edifícios pluridomiciliares e comerciais. Mas, talvez pelas condicionantes ambientais da cidade, como o alto índice de ensolejamento e pluviosidade, a alta umidade do ar e a presença do salitre na orla marítima, no primeiro momento do muralismo em Salvador, os murais não ganharam as ruas, e os exemplos que estão situados em áreas externas são poucos. O mural do artista plástico Carybé, na fachada lateral do Edi-



Foto 2 - Rua Chile.

fício Bráulio Xavier, esquina da Rua Chile, com a Rua da Ajuda, no centro da cidade é um deles. Essa obra, pela sua localização em uma esquina de grande visibilidade no centro da cidade, interfere visualmente no espaço público, qualificando-o e dotando-o de novas referências (Foto 02).

Na década de 70, houve um certo ressurgimento do gênero mural em Salvador, em parte promovido pelas iniciativas oficiais ligadas às edificações situadas no Centro Administrativo de Salvador, cujo cunho modernista servia aos objetivos do poder público de expressar conteúdos simbólicos de modernidade e progresso.

Nos anos 80, algumas obras foram elaboradas por grupos de artistas para o espaço público, fora de um programa oficial, a exemplo do mural para o cinema Glauber Rocha, no centro da cidade, mas que desapareceu, como vários outros que tiveram esse mesmo fim.

A partir dos anos 90, muitas intervenções urbanas são feitas em muros de Salvador, grande parte como resultado da atuação de artistas isolados, dos quais se destaca o artista plástico Bel Borba, que usa a técnica de mosaicos, mais durável que a tinta.

Mais recentemente, surgiram algumas obras de maiores dimensões, como parte de iniciativas oficiais, a exemplo do mural realizado para um muro de contenção situado na rótula dos Barris pelo artista plástico Siron Franco, e o mural realizado pelo artista plástico Antonello L' Abatte, na Avenida Contorno, ambos

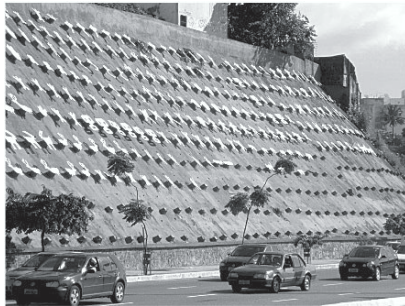


Foto 3 – Rótula dos Barris.

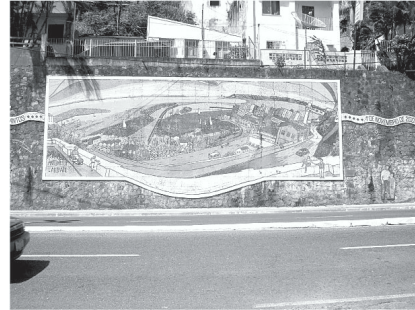


Foto 4 – Av. Contorno, Comércio.

situados em áreas de grande visibilidade no contexto da paisagem urbana de Salvador (Foto 03) e (Foto 4).

Muros artísticos no contexto da percepção urbana

Existe uma diferença entre a percepção da cidade e a percepção estética, e essa diferença é uma das chaves do planejamento urbano do futuro. A partir dessa constatação, Choay (1965, 48-9) via a necessidade de pesquisas sobre uma fenomenologia comparativa da percepção do espaço urbano e da percepção do espaço estético. Criticava o urbanismo progressista pela composição de projetos

como quadros ou obras de arte cubista (que podiam ser muito apreciadas num quadro, mas ser uma fonte de angústia nos conjuntos urbanos) e, ao mesmo tempo, a visão estética dos culturalistas, a qual não condizia com a particularidade da percepção da cidade.

Em outras palavras, os referentes para criação artística nem sempre se adequam ao projeto do espaço urbano, pois a percepção desse espaço, como espaço vivido, obedece a outros condicionantes. Choay (1965, 49) reconhece que:

Uma cidade deve, pois, ser estruturada sobre um fundo neutro, pelo dinamismo de um certo número de figuras significantes que diferem de acordo com a topografia, a população, a composição, seus interesses. A riqueza da imagem será em função da riqueza de da variedade de significantes que a compõem.

Lynch (1980), em seus estudos sobre imagem urbana, destaca como principais elementos estruturadores da imagem e da legibilidade urbana os cruzamentos, os bairros, as vias, elementos marcantes e limites.

Assim, do ponto de vista da legibilidade, os muros da cidade podem ser duplamente importantes: por fazerem parte do contexto visual das vias e cruzamentos, são elementos de destaque na leitura da paisagem urbana, e, eventualmente, por suas dimensões e localização na cidade, podem ser percebidos como limites entre áreas urbanas distintas na cidade, ou entre áreas urbanas e frentes de água. É o caso dos muros que separam a área portuária de Salvador da Avenida da França, no bairro do Comércio. Alvos de críticas por funcionarem como uma barreira à visão do mar nessa área, já foram objeto de intervenções artísticas através de um concurso promovido por CODEBA - Companhia das Docas do Estado da Bahia (Foto 05).



Foto 5 – Av. da França, Comércio.

Em Salvador, em função da topografia caprichosa e da sua forma urbana, onde se destacam avenidas de fluxo rápido nos vales, alguns muros de contenção das encostas que margeiam essas vias se tornam elementos de grande visibilidade na cidade. Alguns deles são utilizados como suporte de obras de arte permanentes ou intervenções efêmeras, como os muros da Av. Contorno e o muro de contenção situado na rótula do Barris, anteriormente citados.

Os cruzamentos, elementos importantes na percepção urbana, constituem locais de grande visibilidade e de grande potencial para o uso de obras artísticas, desde

que não prejudiquem a segurança do tráfego. Em Salvador, alguns muros com esse tipo de localização no espaço urbano são alvo de sucessivas intervenções, a exemplo do muro situado na esquina da Rua da Paciência, com o acesso à Avenida Garibaldi, que, durante vários anos, foi suporte de painéis pintados por um grupo de artistas, e, ainda hoje, é objeto de intervenções isoladas.

Intervenções nos muros pelo Programa Grafita Salvador

Como outros programas oficiais similares desenvolvidos em várias cidades brasileiras, que envolvem murais urbanos, os objetivos do *Programa Grafita Salvador* são



Foto 6 – Muros na lateral da Igreja Órfãos de S. Joaquim.

diversos tais como: o incentivo às artes, ao embelezamento urbano, à limpeza visual da cidade, à inclusão social de grupos marginalizados, ao aperfeiçoamento técnico-profissionalizante e à qualificação de grafiteiros. Apesar de muitos desses objetivos serem atingidos ou não, os benefícios para a paisagem urbana podem ser comprometidos por questões que independem da qualidade artística das obras, mas pelo seu dimensionamento, número e localização no espaço urbano.

Em apenas seis meses, já foram pintados mais de 4000 metros de muros em Salvador, em toda a cidade, independentemente de territorializações que possivelmente existam ou diferenças locais.

O órgão responsável pelo programa é a LIMPURB, empresa de limpeza pública municipal, que atua através da contratação de grafiteiros já atuantes na cidade. A definição dos muros a serem pichados fica a cargo dos coordenadores de áreas (divisão operacional da cidade para efeito da limpeza urbana), e os critérios utilizados referem-se à concordância de proprietários dos imóveis, ao atendimento a solicitações de instituições ou empresas, ou atuação em tapumes e instalações temporárias. Na prática, as pinturas se desenvolvem por áreas extensas ao longo de vias, inclusive em muros próximos a monumentos históricos, e abrange até alguns elementos do mobiliário urbano, a exemplo da subestação do Farol da Barra. A forma de atuação mais comum é a divisão do muro em sua extensão em partes mais ou menos iguais para cada um dos atores envolvidos,

Em apenas seis meses, já foram pintados mais de 4000 metros de muros



Foto 7 – Parede lateral do Moinho Salvador, Comércio.

formando seqüências de *grafites* independentes, ainda que respondam a alguma temática comum (Foto 06).

Nas proximidades da área portuária do bairro do Comércio, foi realizada uma grande quantidade de pinturas no âmbito desse programa, por ocasião da Fórmula Renault de Automobilismo, que aconteceu nesse local, em 2005. As pinturas, em geral efetuadas sobre o tema automobilismo e que ainda persistem nessa área, em nada contribuem para tornar mais legível a paisagem desse bairro onde a presença de muros é muito forte e vários trechos urbanos são subtraídos da percepção do usuário por muros ou barreiras (como o da CODEBA já citado anteriormente) e os muros que protegem as áreas militares (Foto 07).

O inequívoco objetivo de limpar a cidade, focado pelo *Programa Grafita Salvador*, parece ter fortes referências na questão da estética urbana, como um dado a ser controlado a partir do poder público. No contexto atual, esse controle se dá não mais através da censura estética, mas através de outros mecanismos mais sutis, que envolvem uma adequação de linguagens, aparentemente relacionadas a uma contracultura, a uma expressão formal considerada mais artística.

Conclusões

Há uma diferença entre espaço e ambiente urbano, como ressalta Argan (1993, 216): enquanto o primeiro pode ser objeto de projeto, o segundo pode ser condicionado, mas não estruturado ou projetado. Kevin Lynch (1980, 19), em seus estudos sobre a leitura do ambiente urbano, também reconhece a complexidade da questão do significado da cidade e a dificuldade da sua manipulação através da forma física. Assim, recomenda aos planejadores urbanos investir na clareza da imagem e deixar que o significado se desenvolva sem ser diretamente guiado.

A questão da apropriação social dos muros como suportes de mensagens múltiplas parece estar subordinada menos a questões de projeto urbano ou arquitetônico e mais relacionada ao ambiente urbano, ou seja, a questões que envolvem a geração de significados na cidade, à relação espaço *versus* sociedade.

Como parte integrante do espaço público, da arquitetura das vias e praças, e que interferem na percepção e experimentação do espaço urbano, os muros deveriam ser objeto de um cuidado maior por parte do poder público, mas no sentido da definição de critérios para a sua forma física, como, por exemplo, o grau de visibilidade desejada, a altura, a qualidade construtiva etc., tendo em vista a qualidade estética, o conforto térmico, a legibilidade urbana e outros aspectos relacionados ao projeto do espaço público do qual são lindeiros.

A realização de seqüências ininterruptas de pinturas e *graffitis* promovida pelo *Programa Grafita Salvador* em toda a cidade, sem levar em conta, cuidadosamente, os locais das intervenções, não contribui para a legibilidade da paisagem urbana, tão comprometida pela publicidade excessiva, pelo uso abusivo das cores, pela baixa qualidade arquitetônica da maioria dos espaços públicos, para citar apenas algumas razões. Cada pintura perde a sua singularidade para tornar-se parte de uma estamparia amorfa e sem cores e significados mais perceptíveis na paginação co-

lorida de extensos muros. O resultado disso é um efeito de poluição visual ainda mais agressiva que as pichações que ocorriam de forma ocasional.

Por outro lado, iniciativas como o *Programa Grafita Salvador* correm um duplo risco: de induzirem ao disciplinamento das intervenções artísticas e de privilegiar algumas linguagens em detrimento de outras, indo de encontro ao potencial subversivo e inovador da arte no ambiente urbano.

A arte urbana deve relacionar-se com a paisagem de forma crítica, buscando reverter alguns significados subjacentes aos espaços urbanos, incorporar novos significados aos existentes e, muitas vezes, apenas pôr em evidencia contradições e conflitos. Essa função transgressora e inovadora da arte não pode ser domesticada e foge da esfera institucional e ao seu controle. Se há algum critério a ser defendido pelas iniciativas oficiais quanto às intervenções artísticas na cidade, trata-se daquele relativo à paisagem urbana, que é um bem coletivo. E isso não implica necessariamente questões como a ordem e limpeza ou a mera preocupação estética, mas questões que levem em conta a percepção do usuário, um fator importante quando se fala em arte e cidade.

Arquiteta, professora da FAUFBa. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PPG-AU/FAUFBa (1996) e Doutora em Artes Plásticas pela Universidad de Barcelona (2004) – aruane@ufba.br

Notas

¹ Para alguns tipos de arte urbana, como os grafites, a noção de muros extrapola essa definição anterior e se estende por toda a volumetria do urbano, superfícies, texturas, viadutos, pontes e a maioria dos espaços visíveis que integram visualmente ou formalmente o espaço público.

Referências

ARGAN, Giulio C. *História da Arte como história da cidade*. Trad. Pier Luigi Cabra. 1ed. 1984. São Paulo: Ed. Martins Fontes,1993.

CHOAY, Françoise. *O urbanismo; Utopias e Realidades. Uma Antologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

LINCH, K. *A Imagem da cidade*. (1 ed.1959) São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora,1980.

PEDROSA, M. *Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

